

Memórias de um morto

Luiz Vivas

Promotor de justiça do estado do Rio de Janeiro; autor do livro de direito “Da Prescrição Intercorrente”; agraciado, em 2002 com a medalha “Campos Salles”, conferida pelo Ministério Público em reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à sociedade e à instituição; colabora, no âmbito literário, com a revista nacional do Ministério Público.

Sempre pensei no dia de minha morte. Desde menino sonhava ser um velho saudável, cheio de disposição e energia, daqueles que não dão trabalho durante a velhice, nem mesmo no momento do último suspiro. Acalentava a esperança de partir de repente, de maneira fulminante. Mas o sonho não estaria completo caso certos detalhes não fossem observados: gostaria de ser encontrado pelo avesso da vida em uma cama macia, lençol, travesseiro, tudo muito limpo, depois de ter saboreado um delicioso banho de chuveiro e perfumado meu corpo com alfazema – meu aroma predileto. Pronto. Partiria feliz. Ser um defunto cheiroso podia não ser o sonho único de minha vida, mas era o único sonho para minha morte.

Contava eu sessenta anos de idade, quando, depois de um exame de rotina, o médico sentenciou sem piedade:

– Ou caminha ou morre!

Não tive escolha... Acanhado e gordo, coloquei um par de tênis, camiseta, calção largo – para ficar à vontade –, boné, protetor solar, óculos escuros e fui... Pela pose, alguém poderia dizer até que eu conseguiria caminhar por duas horas sem parar. Mas quem estivesse atento ao sambar de minha barriga, não acreditaria nisso.

Estava de casa nova – havia me mudado na semana anterior –, não conhecia o melhor lugar para caminhadas nos arredores. Então resolvi tentar a calçada em torno de um enorme “condomínio de edifícios” bem próximo da minha recente residência

– local repleto de mangueiras. Podia-se ver pelo chão três tipos de manga: espada, rosa e a pequena ubá. Esta mais conhecida pelo fino aroma que exala, quando madura.

Fiz um pequeno alongamento e comecei a andar absorvido pelas mangas que ia deixando para trás. Logo depois dos primeiros quarenta ou cinquenta metros percorridos, por pouco não esbarrei em um enorme cão. Vinha no sentido contrário ao meu, bem seguro pela guia, mas eu estava andando de cabeça baixa e quase trombei com ele. Então, passei a olhar para frente com atenção redobrada.

Curiosamente, não andava mais de cinquenta metros sem deparar com um cachorro. Eram de diversas raças e tamanhos. A grande maioria levada por empregadas domésticas uniformizadas. O que seria aquilo? Algum desfile de cães? Ou seria de domésticas? Foi quando percebi: elas traziam os cachorros apenas para que os animais fizessem suas necessidades fisiológicas ali na calçada e, como eu pudera perceber, não providenciavam a limpeza respectiva. Então aquilo malcheiroso ficava ali parado, durante dias, quem sabe meses, exposto ao sol, a chuva, ou a pés distraídos como eram os meus...

Pensei em desistir, voltar para casa. Mas as palavras do médico não saíam de minha cabeça “Ou caminha ou morre”. Eu não queria morrer... Apenas por isso, continuei. Dali em diante, usaria olhos de águia para procurar no chão algo no qual não deveria pisar. Passaria a fixar um olho no próximo cachorro e o outro no próximo... Como direi? Bem, não é preciso dizer...

Apesar de tudo, tinha conseguido caminhar mais de cinquenta minutos – não imaginava suportar tanto –, faltavam apenas cerca de cem metros para completar a última volta quando aconteceu: preocupado em não sujar meu calçado, distraí-me e acabei tropeçando em alguma coisa. Com a topada, meu corpo foi projetado para frente. Por instinto, levei as mãos ao solo procurando proteger meu rosto, quando me apoiei em algo macio que me fez deslizar por algum tempo. Não seria nada grave caso minha cabeça não tivesse ido de encontro ao duro tronco de uma mangueira.

Morri ali mesmo!

O sonho de tornar-me um defunto cheirando a alfazema não se concretizara. No preâmbulo de meu desenlace também não tive cama macia, nem a delícia de um longo banho de chuveiro. Contudo, devo reconhecer: podia ter sido pior... A perfumar meu corpo inerte outro odor exalava – não aquele que alguém maldoso e cruel possa estar imaginando –, exalava, sim, o fino aroma de uma pequena manga ubá, sobre a qual deslizou meu corpo antes do impacto fatal!

A crônica “Memórias de um Morto”, cedida pelo autor a título de cortesia à “Pulmão-RJ”, foi uma das três vencedoras do concurso nacional de literatura promovido pela Editora Cartaz (versão 2003) – categoria “Crônica” – e integra o livro “Letras em Cartaz”, coletânea dos melhores contos, crônicas e poesias inscritos no mencionado concurso.